

ENTRE A EDIÇÃO DO CLG E OS ANAGRAMAS: UMA LEITURA CRÍTICA SOBRE O PRINCÍPIO DA LINEARIDADE DO SIGNIFICANTE

Marcen Souza*

 <https://orcid.org/0000-0002-9521-6319>

Como citar este artigo: SOUZA, M. Entre a Edição do CLG e os Anagramas: uma leitura crítica sobre o princípio da linearidade do significante. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-16, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETD02013494

Submissão: junho de 2020. **Aceite:** julho de 2020.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o princípio da linearidade do significante, no *Curso de Linguística Geral* (CLG) e nos manuscritos sobre os anagramas. Para analisar esse princípio saussuriano, parto da proposta de uma leitura crítica do CLG – enquanto uma obra que converge a fala de Saussure, a escuta/escrita dos alunos e a recriação dos editores – amparada nas edições críticas de Godel (1957), Engler (1968) e De Mauro (1974). Entende-se que a leitura proposta permitirá um outro olhar sobre o princípio da linearidade, tendo em vista a fala humana e o anagrama saussuriano.

Palavras-chave: Saussure. Linearidade do significante. Anagramas. Leitura crítica. *Curso de Linguística Geral*.

* Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. E-mail: marcensouza@hotmail.com

INTRODUÇÃO

■ **O** objetivo geral deste artigo é analisar o conceito de linearidade no *Curso de Linguística Geral*¹ e na produção saussuriana sobre os anagramas, tendo em vista a hipótese de que a leitura da Edição do CLG permite uma análise diferenciada dos manuscritos saussurianos. Ao associar o objetivo à hipótese, busco demonstrar a importância da leitura da Edição do CLG, que nomeio de uma leitura crítica, como uma via que possibilita uma melhor compreensão do pensamento saussuriano, principalmente no que tange à abordagem do conceito de linearidade do significante.

Como buscarei expor, a leitura da Edição do CLG difere da leitura do CLG. Ante isso, sustento a importância da leitura da Edição fundamentando este artigo a partir do trabalho de Silveira (2007), a qual afirma que o CLG foi decisivo para a fundação da linguística moderna, que ele possui relações teóricas com as demais produções manuscritas do genebrino e, por fim, que não se coloca em xeque sua autoria pelo mestre genebrino².

Passar pela Edição do CLG também se justifica pelo fato de que o trabalho empreendido por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, foi o primeiro ato em direção aos manuscritos saussurianos. Nesse sentido, o trabalho dos editores sobre as notas manuscritas de Saussure e cadernos dos alunos podem constituir um passo importante para a compreensão e para reflexões metodológicas de análise dos manuscritos saussurianos, no caso aqui, da produção saussuriana sobre os anagramas.

Retomando Silveira (2007), é possível apreender que a passagem pela Edição do CLG difere de sua simples leitura, enquanto obra acabada. Se de um lado a leitura desse livro é uma espécie de porta de entrada para o pensamento genebrino, principalmente na parte final do percurso na linguística, passar pela edição do CLG significa um aprofundar-se nas fontes manuscritas que configuram sua origem, requerendo uma atenção mais sutil do pesquisador.

Corroborando esse ponto de vista, Normand (2009) expressa que o CLG foi lido como uma novidade pelos primeiros linguistas do século XX. Além disso, Normand (2009, p. 18) pondera que o *Cours* foi considerado como um texto de reflexões originais sobre a linguagem, servindo como um baluarte contra “[...] as armadilhas da evidência e da trivialidade nas ciências humanas, e, como tal, sua leitura torna-se estimulante, mesmo para os linguistas”.

De fato, a novidade do *Cours*, ou novidades, se constituem não somente pela revisão/reelaboração de conceitos centrais da linguística do século XIX, mas também por uma particularidade que atravessa a Edição, no sentido que Silveira (2007, p. 30) considera como uma “[...] questão teórica que desarticula uma certeza sobre a língua”³. Essa desarticulação de uma certeza pode ser dada como um enigma, de modo que é preciso ultrapassar uma leitura ingênua do CLG para uma leitura crítica, buscando evidenciar as operações levadas a cabo pelos editores.

1 Doravante CLG ou *Cours*.

2 Este último aspecto não será objeto de estudo neste artigo. Ressaltamos, todavia, que essa problematização implica que a análise do CLG, ao transcender a discussão (improdutiva) sobre a autoria de Saussure, torna-se lugar de reflexões teórico-metodológicas do pensamento de Saussure ali presente e do modo de edição empreendido por seus editores.

3 Silveira (2007) sinaliza que essa questão teórica remete à Teoria do Valor. Todavia, faço dessa assertiva uma base norteadora também para a hipótese deste trabalho, estendendo este domínio do incerto para a constituição da Edição do CLG, assim como para com a teorização do princípio da linearidade.

A leitura que proponho como parte da análise deste artigo é aquela que se faz buscando as operações efetuadas pelos editores do CLG. A título de exemplo, um leitor mais experiente compreende que a estrutura do CLG não segue a ordem cronológica das aulas ministradas, e os movimentos/operações efetuados(as) pelos editores também incidem no modo de organização e de apresentação teórica do pensamento saussuriano, veiculadas nessa obra.

Para se apreender determinados movimentos teóricos e operações do CLG, tendo em vista a noção de uma leitura crítica, estabeleço três objetivos específicos: 1. uma análise panorâmica da Edição do *Cours*, buscando evidenciar a importância do trabalho dos editores e a tensão existente entre as notas dos alunos, além da necessidade de um trabalho editorial dessas anotações; 2. investigar o que vem a ser a ideia de leitura crítica do CLG, remetendo ao exame de sua edição, detendo-me na forma como o princípio da linearidade do significante é conceituada por Saussure/operada pelos editores; e 3. examinar a produção saussuriana sobre os anagramas, analisando o princípio da linearidade do significante nesse fato poético.

Assim, passo à análise do primeiro objetivo, no tópico subsequente, tendo como ponto de apoio bibliográfico o *Curso de Linguística Geral* (1970), e as seguintes edições críticas do CLG: o trabalho de Robert Godel, de 1957, intitulado *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*; a edição crítica de Rudolf Engler, de 1968, com o título do próprio CLG, *Cours de Linguistique Générale*; e a edição crítica de Tullio de Mauro, de 1974, intitulada *Cours de Linguistique Générale: édition critique préparée par Tullio de Mauro*.

A EDIÇÃO DO COURS: ENTRE O QUE CAI DA FALA E O QUE SE DEPOSITA COMO LETRA⁴

É reconhecido na comunidade linguística que o *Cours* foi um trabalho editorial de acadêmicos próximos a Ferdinand de Saussure – Charles Bally, Albert Sechehaye e Albert Riedlinger – empreendido após sua prematura morte, ocorrida em 1913. Visando situar o leitor, de forma panorâmica, sobre o percurso dos editores, parto da análise do *Prefácio* à primeira Edição do CGL, a fim de esclarecer pontos importantes desse percurso editorial. Na abertura desse prefácio, os editores afirmam:

Repetidas vezes ouvimos Ferdinand de Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio desenvolveu, e ao longo de toda a sua vida pesquisou ele, obstinadamente, as leis diretrizes que lhe poderiam orientar o pensamento através deste caos (SAUSSURE, 1970, p. 1).

A frase que abre a citação “Repetidas vezes ouvimos Ferdinand Saussure” é assaz importante para a compreensão do trabalho dos editores, uma vez que sinaliza o lugar em que se insere o *Cours*, isto é, o lugar da escuta. Segundo os editores, Saussure falava (e não apenas escrevia) sobre os rumos da linguística, princípios e métodos; falava não somente no espaço da aula, mas também nas interlocuções com pessoas de seu círculo acadêmico.

4 Parte do título deste tópico, conforme será exposto, é uma citação da profa. Cláudia Lemos.

De fato, alguns dos pronunciamentos de Saussure foram não apenas oralizados, mas escritos em cartas, como se observa na missiva endereçada ao seu antigo aluno Antoine Meillet, em 4 de janeiro de 1894. Nesse escrito, o genebrino se mostra desgostoso e preocupado com necessidades preeminentes da linguística de então, como a classificação de fatos e de pontos de vista, e também com “[...] a imensidade de trabalho que seria preciso para mostrar ao linguista o que ele faz [...]”⁵ (SAUSSURE, 1964, p. 95, tradução nossa).

Em outra passagem dessa carta, Saussure é enfático: “Sem cessar a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e de mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico [...]”⁶ (SAUSSURE, 1964, p. 95, tradução nossa). A constatação dessa relação entre o oral e o escrito, ou vice-versa, é um dos primeiros passos para compreender as operações realizadas pelos editores do *Cours*.

O estatuto editorial do CLG difere do trabalho realizado nos *Escritos de Linguística Geral*. Enquanto os editores desse trabalharam diretamente com a publicação dos manuscritos, grande parte dos manuscritos que deram origem ao *Cours*, como já mencionamos, são anotações dos alunos que assistiram às aulas do mestre na Universidade de Genebra. Opera-se, portanto, no CLG, uma via indireta de se chegar ao pensamento saussuriano. Como destaca Silveira (2007, p. 20), “Há forma mais indireta de chegar a alguém ou ao cerne de seu pensamento?”

De fato, é pelo escrito do outro que o *Cours* é construído, nessa relação entre o que um fala e o que o outro anota dessa fala; mais precisamente, como expressa De Lemos (*apud* SILVEIRA, 2007, p. 13), “[...] entre o que cai da fala e o que se deposita como letra. Intervalo esse em que se suspende a antecipação e se aguça a escuta daquilo que surge como desvio, dispersão, como novo ainda inassimilável”.

Além desse modo indireto que possibilita o CLG, através dos escritos dos alunos, que se dá como um lugar de intervalo, entre a voz do mestre e a escuta dos alunos, os editores ainda ressaltam que, devido às necessidades do próprio programa das aulas, “[...] parte essencial de seu tema ficou singularmente reduzida”, direcionando os editores a buscarem, nos manuscritos do genebrino, “[...] a imagem fiel ou pelo menos suficientemente fiel de suas geniais lições” (cf. SAUSSURE, 1970, p. 1).

O caminho da edição foi desafiador. Um dos impasses era o de que a busca pelas anotações de Saussure sobre suas lições teve pouco resultado. Nas palavras dos editores, o mestre genebrino costumava descartar seus rascunhos provisórios sobre os quais

[...] traçava, a cada dia, o esboço de sua exposição! As gavetas de sua secretária não nos proporcionaram mais que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos (cf. SAUSSURE, 1970, p. 1).

5 “[...] l’immensité du travail qu’il faudrait pour montrer au linguiste ce qu’il fait; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue; et en même temps l’assez grande vanité de tout ce qu’on peut faire finalement en linguistique”.

6 “Sans cesse l’ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d’objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique [...]”.

7 No original, o título é *Écrits de Linguistique Générale*. Trata-se de uma obra que traz inúmeros e diversos manuscritos de Ferdinand de Saussure, organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler e publicados pela Éditions Gallimard em 2002.

É muito importante destacar que a edição do CLG não foi um percurso fácil, e que, nos primeiros passos desses empreendedores, não faltaram dúvidas, obstáculos e impasses. Faço aqui referência a um texto capital para compreender esses momentos iniciais da Edição, intitulado “The making of the *Cours de Linguistique Générale*”, de Rudolf Engler (2004). Após a morte de Saussure, em fevereiro de 1913, algumas declarações sobre seu percurso nos estudos linguísticos são dadas por Charles Bally, Antoine Meillet, Léopold Gautier e também pela viúva, Marie de Saussure.

Charles Bally, em março de 1913, declara que qualquer um que tenha assistido aos cursos de linguística geral teria uma boa base para pesquisar os fatos de linguagem (ENGLER, 2004); acrescenta que os alunos de Saussure anotaram as palavras do mestre de modo quase religioso e que se fosse o caso de publicar tais anotações, o resultado haveria de ser um importante livro.

Nesse mesmo ano, Meillet também se pronuncia, ressaltando que grande parte das reflexões de Saussure nos últimos anos havia sido sobre linguística geral, e que nada, até então, havia sido publicado (ENGLER, 2004). Reforça que Saussure desejava distinguir a linguística em duas partes, uma que estudasse a língua em um momento dado, e a outra que estudasse as mudanças linguísticas no tempo.

Nesse pronunciamento, Meillet (*apud* ENGLER, 2004, p. 49, tradução nossa) reitera as palavras de Bally, afirmando que apenas os

[...] alunos que frequentaram os cursos de Saussure em Genebra é que se depararam com as benesses de seu pensamento; apenas eles sabem as formulações exatas e as imagens bem escolhidas que ele usou para lançar luz sobre um novo assunto⁸.

Uma declaração que chama a atenção é a carta de Marie de Saussure a Antoine Meillet, em 25 de maio de 1913. Em sua fala, ela diz que foi sondada por diversos alunos de Saussure, os quais perguntaram “[...] se talvez não houvesse, entre suas anotações, algo publicável [...]”, ao que ela prontamente completa: “Talvez, examinando as anotações feitas por vários alunos em anos diferentes, possamos ter uma ideia relativamente completa de um de seus cursos [...]”⁹ (MARIE DE SAUSSURE *apud* ENGLER, 2004, p. 49, tradução nossa).

Destaco, dessas três declarações, o fato de todos concordarem em publicar algo a partir das anotações dos alunos, e que se confirma no Prefácio da Edição, quando os editores expressam:

Cumpria, pois recorrer às anotações feitas pelos estudantes ao longo dessas três séries de conferências. Cadernos bastante completos nos foram enviados pelos Srs. Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Redard e Albert Riedlinger, no que respeita aos dois primeiros cursos; quando ao terceiro, o mais importante, pela Sra. Albert Secheyay e pelos Srs. George Degalier e Francis Joseph (cf. SAUSSURE, 1970, p. 2).

Uma vez reunido o material, os editores pontuaram a necessidade de um trabalho crítico inicial, analisando curso por curso e comparando as versões dos

8 “Only the students who followed Saussure’s courses in Geneva have so far had the benefits of his thinking; only they know the exact formulations and the well-chosen images he used to throw light on a new subject”.

9 “And now several of his students asked me if there might not be, among his notes, something publishable... Perhaps by looking through the notes taken by various students in different years we might gain a relatively complete idea of one of his courses [...]”.

cadernos. Mesmo com os cadernos dos alunos, os editores parecem oscilar em relação ao que e como publicar, pois as anotações lhes parecem como *ecos*, algumas vezes, eles pontuam, *discordantes!* De fato, enfrentar a tensão entre o registro desses *ecos* e a necessária ordem que a edição do CLG impôs pareceu-lhes uma tarefa sobremaneira difícil.

A citação que segue parece amalgamar os impasses e a tarefa que os editores enfrentaram de 1913 a 1916:

Tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso, utilizando todos os materiais de que dispúnhamos, inclusive as notas pessoais de F. de Saussure. Tratava-se, pois, de uma recriação, tanto mais árdua quanto devia ser inteiramente objetiva; em cada ponto, penetrando até o fundo de cada pensamento específico, cumpria, à luz do sistema todo, tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentando das variações, das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme a intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada (cf. SAUSSURE, 1970, p. 3).

A ideia de reconstituição que atravessa toda a Edição mostra que o *Cours* é de longe uma aglomeração de ideias desconexas. O planejamento dessa reconstituição logrou um êxito notável, refletido em seu caráter de marco fundante da Linguística Moderna. Nesse sentido, não se trata de uma síntese das ideias do mestre genebrino. Em realidade, como atestou Bally, os alunos eram não apenas assíduos nas aulas de Saussure, mas obsessivos nas anotações, haja vista a consistência e a profundidade teórica veiculada pelo CLG.

A propósito da ideia de reconstituição e de recriação, nota-se, a partir da edição crítica de Engler (1968), que os editores, salvo nuances pontuais, necessárias, buscaram ao máximo a fidelidade às anotações. A ênfase na recriação opõe-se a qualquer alteração do pensamento saussuriano. No entanto, os *ecos discordantes* eram o maior desafio, oriundos, a meu ver, não somente em vista das *flutuações inerentes à fala*, mas também do lugar indireto da escuta, do entendimento particular de cada aluno.

Variações e flutuações fazem parte da Edição do *Cours*. No entanto, atingir a “forma definitiva” do pensamento saussuriano parece refletir isso que, décadas posteriores, se tornaria a quimera em encontrar o verdadeiro Saussure. De um lado, o leitor do CLG não deve ser ingênuo em acreditar que uma leitura crítica permite encontrar um “verdadeiro” Saussure, ou uma forma mais definitiva do seu pensamento. Por outro lado, pensar que ali não existem fissuras, ou *ecos*, seja de incertezas teóricas ou de vozes discordantes, é também negligenciar as marcas singulares que ali se manifestam.

É inegável, no entanto, que os editores buscaram ao máximo dar lugar a esses *ecos de fala*, constituindo “[...] um todo orgânico, sem negligenciar nada que pudesse contribuir para a impressão do conjunto” (cf. SAUSSURE, 1970, p. 3). A ideia de *todo orgânico* e de *impressão do conjunto* está, de fato, presente no CLG. No entanto, é preciso pontuar, conforme mencionado, que é do próprio ser da linguística, ou melhor, de seu objeto, que exista uma certa desarticulação da certeza.

Refletir sobre a constituição do *Cours*, enquanto um lugar de (uma tentativa) reconstituição do pensamento de Saussure, é uma forma de pensar o modo como os manuscritos saussurianos podem ser lidos, ou articulados com as

lições ministradas em Genebra/publicadas no CLG. É também uma forma de estar atento às tensões que a Edição traz, e das quais as edições críticas publicadas posteriormente possibilitam uma compreensão maior, dado o aporte teórico com o qual elas contribuem. Isso posto, passo à análise do próximo tópico, visando a um aprofundamento do lugar que o princípio da linearidade ocupa nas produções saussurianas.

UMA LEITURA CRÍTICA DO CLG: ATENÇÃO À TENSÃO

O título deste tópico se estrutura duplamente. Em primeiro lugar, busca demonstrar o que entendo como sendo uma leitura crítica do CLG, ou seja, aquela que se faz acompanhado pela leitura das edições críticas publicadas a partir da segunda metade do século XX. Isso não significa menosprezar a leitura do CLG em si, uma vez que esse foi o modo de se ler o *Cours* por décadas, e que por sua vez possibilitou a instauração de um ponto de vista sincrônico nos estudos linguísticos, elevando a linguística ao patamar de ciência moderna.

Também, conforme já exposto, não visa a busca pelo pensamento original de Saussure, como já mencionado neste artigo, nem de pontuar quaisquer possíveis erros no trabalho dos editores.

Mais do que isso, hipotetizo que uma leitura assim permite ao pesquisador – principalmente aquele que dá os primeiros passos no pensamento saussuriano – compreender tanto o processo de edição em si como experienciar uma leitura mais crítica e uma reflexão metodológica de leitura dos manuscritos saussurianos. Reitero, para tanto, a afirmação de que os editores foram os primeiros leitores dos manuscritos saussurianos, e compreender o processo de edição é uma forma de compreender a metodologia aplicada por eles na leitura dos escritos do genebrino.

A segunda parte do título deste tópico, *atenção à tensão*, é uma retomada *ipsis literis* de um tópico do livro de Silveira (2007), que nos mostra que a edição leva tanto as marcas de Saussure quanto as marcas dos editores. Além disso, é importante ressaltar, conforme vimos no tópico anterior, que a edição também se constitui pela escuta dos alunos, os quais manuscreeveram aquilo que ouviram do mestre genebrino. Também podemos destacar que cada aluno, apesar de buscar o registro fiel das palavras do mestre, o fez deixando marcas singulares dessa tensão entre a fala e o escrito.

Proponho, como recorte teórico do CLG, o segundo princípio do signo linguístico, o da linearidade. Esse ponto teórico é importante como corpus de análise, tendo em vista que possibilita uma leitura crítica do *Cours*, como proposta metodológica de leitura/análise dos manuscritos de Saussure. Além do próprio CLG e das edições críticas do CLG, pautarei a reflexão deste tópico nos trabalhos de Wunderli (2004), Testenoire (2010) e Souza (2018a, 2018b), todos esses relacionados ao problema da linearidade do signo linguístico na produção de Saussure sobre os anagramas, produção essa de caráter manuscrito.

O princípio da linearidade do significante é apresentado aos leitores do CLG na “Primeira Parte – Princípios Gerais”, no capítulo I, “Natureza do signo linguístico”. Antes de chegar a esse princípio, Saussure (1970) teoriza que o signo linguístico é psíquico, formado pela união de um significado e de um significante. Nas palavras do genebrino, “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 1970, p. 80).

Uma vez ponderado o aspecto psíquico e a indissociabilidade entre significado e significante, Saussure (1970) aborda o primeiro princípio do signo, que é o da arbitrariedade. A discussão em torno desse princípio tem sido o centro de diversos debates entre estudiosos da linguagem, tanto no campo da filosofia quanto no da linguística. Dado que nosso objetivo não é abordar esse princípio, limito-me apenas a citar a seguinte passagem (visto que também permite uma reflexão acerca da produção sobre os anagramas/princípio da linearidade):

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário (SAUSSURE, 1970, p. 81).

Após abordar a arbitrariedade do signo linguístico, Saussure analisa o segundo princípio, que é o *caráter linear do significante*. Segundo o mestre genebrino, “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*; b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*” (SAUSSURE, 1970, p. 84). No parágrafo que segue a conceituação desse princípio, Saussure enfatiza que ele é muitas vezes negligenciado. E, de fato, não nos preocupamos muito em refletir sobre esse aspecto do signo, essa única dimensão linear que ele possui.

A análise das edições críticas do *Cours* abre pontos interessantes sobre esse ponto/momento de reflexão do mestre genebrino. As edições de Godel (1957) e de De Mauro (1974) confirmam que as discussões em torno da linearidade do significante ocorrem no ano de 1911, especificamente em duas aulas do mês de maio, nos dias 02 e 29, registradas do caderno do aluno G. Dégalier. Trata-se de uma das reflexões mais tardias de Saussure, naquele último semestre de verão de 1911, que também era o terceiro e último curso de linguística geral ministrado pelo mestre suíço.

A exposição com datações das aulas de Saussure dada pela edição crítica de Godel (1957) permite ao pesquisador visualizar o lugar que a reflexão sobre a linearidade ocupou nas aulas. Por exemplo, nas aulas que antecedem o estudo sobre a linearidade do significante, nos dias 25 e 28 de abril, temos como tema *La langue* (GODEL, 1957, p. 81) – aulas em que Ferdinand de Saussure traz a definição do que é língua, aborda seu lugar no domínio da linguagem e, o que é interessante, expõe aos alunos o *Circuito da Fala*.

Esses estudos antecedem, assim, as respectivas aulas iniciais do mês de maio, as quais foram ministradas nas seguintes datas com os respectivos conteúdos: 2 de maio: natureza do signo linguístico; 5 e 9 de maio: entidades abstratas e concretas da língua; 12 de maio: estudo sobre a arbitrariedade do signo linguístico; 19 de maio: recapitulação teórica sobre o conceito de língua, retomando o princípio da linearidade do significante.

Sendo assim, enquanto o conteúdo das aulas de 25 e 28 de abril figuram no início do CLG, mais precisamente no capítulo III da Introdução, intitulado de “Objeto da Linguística”, o conteúdo das aulas de maio, em específico sobre a linearidade do significante, se encontra na Primeira Parte, intitulada de “Princípios Gerais”, capítulo I, com o título “Natureza do signo linguístico”. Nota-se, no CLG, que a Introdução é separada dessa Primeira Parte por sete capítulos e um Apêndice – “Princípios de Fonologia”, com quase 80 páginas de reflexões teóricas, dividindo, portanto, conteúdos outrora ministrados em datas sequenciais.

Embora a separação, no CLG, entre os conteúdos ministrados cronologicamente no tempo não interfira na compreensão dos conteúdos expostos nas aulas, é possível observar um movimento do pensamento saussuriano, nas aulas, que parte do estudo da língua enquanto sistema de signos e se direciona à análise do signo linguístico. Esse movimento, em vez de negar o trabalho dos editores, permite um outro ponto de vista, quando se visualiza, por exemplo, o circuito da fala em uma proximidade teórica com o princípio da linearidade, ou até mesmo o princípio da arbitrariedade do signo linguístico.

Em outras palavras, se consideramos a língua, em ação no circuito da fala, entre os falantes A e B, compreendem-se as características das unidades linguísticas, no momento em que se aborda esse circuito, não somente como psíquicas (língua), e físico-fisiológicas (fala) e arbitrárias, mas também como lineares, entendidas por ambos os falantes em uma única dimensão, representadas, no diagrama abaixo, pelas setas e pontilhamentos, conforme Figura 1.

Figura 1 – Circuito da fala



Fonte: Saussure (1970, p. 19).

A relação próxima entre o princípio da linearidade do significante e o circuito da fala, a partir da leitura crítica da Edição do CLG, permite uma compreensão mais completa desse circuito, considerando que o pontilhamento das falas entre A e B refletem esse aspecto linear da fala, em línguas orais.

Isso posto, passo aos apontamentos da edição crítica de Tullio de Mauro, de 1974, sobre o conceito de linearidade. Nessa Edição, De Mauro (1974, p. 447) insere duas notas críticas, numeradas como 144 e 145. Na primeira nota, afirma:

Embora o primeiro princípio seja um princípio semiológico geral, válido para qualquer tipo de signo [...], o segundo princípio diz respeito apenas ao significante, e é, portanto, específico para signos com significante acústico, ou seja, signos da linguagem verbal¹⁰ (DE MAURO, 1974, p. 447, tradução nossa).

A consideração dada por De Mauro(1974) chama a atenção do pesquisador por dois motivos. Primeiro, pelo fato de que a especificidade desse princípio também figura no CLG, apesar de às vezes não ser dada a devida atenção à distinção entre ambos os princípios. De fato, Saussure (1970, p. 84) pontua a diferença entre o significante auditivo em oposição aos significantes visuais, os quais “[...] podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões [...]”.

O segundo ponto é importante, pois parece se tratar de uma leitura do próprio De Mauro (1974), ao ressaltar que enquanto a arbitrariedade é um princípio

10 *“Tandis que le premier principe est un principe semiologique général, valable pour n'importe quelle sorte de signe [...], le seconde principe ne concerne que le signifiant, e est donc spécifique des signes à signifiant acoustique, c'est-à-dire des signes du langage verbal.”*

geral a todas as línguas, e isso se atesta tanto às línguas orais como às línguas de sinais, o princípio da linearidade só é atestado nas línguas orais¹¹.

A nota 145 da edição crítica de De Mauro (1974, p. 447, tradução nossa) abre para outro campo de reflexão, quando o autor afirma que:

O significante do signo linguístico, não sendo uma “imagem” no sentido banal, mas uma “figura” (classe de configuração possível) da substância acústica (1138 B Engler), é organizada de modo que seus elementos sejam distribuídos em segmentos¹².

De Mauro (1974) destaca que o significante pode ser lido também como uma figura, no sentido de um conjunto de configurações possíveis da materialidade acústica que envolve o signo linguístico.

Essa leitura do significante, no entanto, é do próprio Saussure. A informação dada entre parênteses – 1138 B Engler – refere-se à edição crítica de Rudolf Engler, a qual remete ao conteúdo do dia 2 de maio de 1911, sobre a natureza do signo linguístico. Nessa aula, Saussure problematiza também a diferença entre signo e símbolo, trazendo uma definição mais concisa em relação à expressão *imagem acústica*, utilizando o termo *figura*, no sentido de algo passível de ser evocado pela imaginação.

Vale destacar que a observação teórica sobre o termo *figura* não consta em Godel (1957), porém consta na Edição de Engler (1968), que edita e publica as diferentes passagens dos cadernos dos alunos. Em sua edição, De Mauro (1974) evidencia a relação teórica entre a imagem acústica e o princípio da linearidade. Vê-se que, sem menosprezar a íntima relação entre o significado e o significante, a ideia de imagem acústica é fundamental para se pensar o significante, sendo deveras complexo desassociar a relação psíquica do signo linguístico da substancialidade sonora da cadeia falada.

Como pontua Saussure, a linearidade do significante é importante para uma reflexão linguística dos signos verbais que, se ignorada, leva a incompreensões sobre o funcionamento específico de determinadas línguas. O adjetivo linear é, portanto, específico das línguas orais, embora a ideia de significante esteja imbricada à ideia de figura, evocação imaginária na mente do falante; daí o termo imagem acústica. Tal associação imagética permite que a ideia de significante não se restrinja às línguas orais, mas esteja associada a qualquer modalidade de língua.

Apesar de a edição do CLG não apresentar notas manuscritas de Saussure sobre o princípio da linearidade, é evidente que a letra que se deposita pela escuta dos alunos, das aulas do genebrino, se evidencia no *Cours*. De fato, a edição revela o pensamento de Saussure ao pontuar o significante como uma dimensão temporal, seja linear ou simultânea. Nesse sentido, qual a dimensão temporal que se apresenta no anagrama saussuriano, enquanto fato identificado em textos literários? É o que se examinará no tópico seguinte.

11 Nas línguas de sinais, como a Libras, o segundo princípio é o da simultaneidade dos sinais, dado não pela sequência de fonemas, como nas línguas orais-auditivas, mas pelos parâmetros que abrangem configurações manuais, movimentos, expressões não manuais, entre outros fonemas desta língua.

12 “Le signifiant du signe linguistique, étant non pas une “image” au sens banal, mais une “figure” (classe de configuration possibles) de substance acoustique (1138 B Engler), est organisé de façon que ses éléments se répartissent en suites.”

A LINEARIDADE DO SIGNIFICANTE: UM PONTO DE TENSÃO NOS ANAGRAMAS DE SAUSSURE

O objetivo deste último tópico é examinar o modo de presença do princípio da linearidade na produção conhecida como Anagramas de Saussure¹³. A hipótese que norteou essa produção pautou-se na possibilidade de que os textos literários, de diferentes autores e períodos literários, das culturas greco-latinas, tivessem sido escritos a partir da fragmentação de palavras relacionadas à temática do texto.

É importante ressaltar que o anagrama analisado por Saussure se fundamenta na transposição de fragmentos fônicos, e não de letras. Tal aspecto se justifica na medida em que esse fato poético esteja vinculado à tradição oral dos gregos, quando o fazer poético era destinado à declamação pelos antigos rapsodos.

Posto isso, um dos primeiros conceitos elaborados na teoria sobre os anagramas é o de palavra-tema. Para Saussure, uma palavra-tema é, na maioria das vezes, um nome próprio, o qual passará por um processo de fragmentação antes da elaboração do texto literário¹⁴. Essa fragmentação não se realiza de forma aleatória, e a inserção desses fones no texto poético segue determinadas regras.

Sobre esse processo, o genebrino esclarece que após o poeta haver escolhido a palavra-tema, e tendo fragmentado-a, ele deve

[...] então, nesta primeira operação colocar diante de si, tendo em vista seus versos, o maior número possível de fragmentos fônicos que ele pode tirar do tema: por exemplo, se o tema, ou uma das palavras do tema é Hercolei, ele dispõe dos fragmentos – lei –, ou – cõ –; ou com um outro corte das palavras, dos fragmentos – ôl –, ou êr; por outro lado, de rc ou de icl etc.

2. Deve então compor seu trecho introduzindo em seus versos o maior número possível desses fragmentos, por exemplo, afleicta para lembrar Herco-lei, e assim por diante (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 19).

O processo de composição literária fundamenta-se em torno da ideia de anagrama, conforme exposto por Saussure. Aqui se observa a utilização da expressão *fragmentos fônicos*, que corrobora o ponto de vista fônico do anagrama saussuriano. O aspecto obrigatório em compor o texto a partir desses fragmentos fônicos torna a composição mais complexa, requerendo do poeta a escolha de palavras que remetem, fonicamente, ao nome escolhido.

Neste tópico, interessa sobretudo o corte e o modo como ele é efetuado na palavra escolhida. Para tanto, julgo pertinente considerar, sem ater-me a uma distinção teórica, uma correspondência entre a palavra e o significante, partindo do aspecto linear que ambos os termos apresentam. Assim, observa-se o necessário corte no significante poético, que ocorre, na maioria das vezes, em fragmentos duais, nomeados de difonos, ou em grupos formados por mais de dois fones (trifonos ou polifonos), como se vê no corte da palavra *Hercolei*, em que *-cõ* é um difono e *-lei* é um trifono.

13 A produção saussuriana conhecida como *Anagramas* foi elaborada entre 1906 e 1909, concomitante aos cursos de linguística geral (1907-1911), abrangendo um total de quase 120 cadernos manuscritos. Nessa empreita, Saussure pesquisou uma série de textos literários, principalmente das culturas gregas e latinas, de diferentes autores e períodos históricos. A importância desses manuscritos está, de um lado, no fato de a hipótese que norteia os anagramas ser inédita e, por outro, em permitir a Saussure um olhar mais profundo em relação aos fatos de língua e de linguagem.

14 Dizemos fones tendo em vista que a preocupação de Saussure é de identificar as unidades sonoras que remetem à materialidade fônica da palavra-tema.

Destaco que Saussure parte do pressuposto de que os fones isolados não dão consistência ao anagrama, pois a ideia de fragmentos unitários poderiam minar a veracidade do anagrama. Assim sendo, se os dífonos da palavra-tema revelam-se como unidades que dão “liga” ao texto poético, algumas questões surgem: Qual é, de fato, a função do anagrama? O que vem a ser essa nova configuração da palavra-tema? Que implicações Saussure vê para a linearidade do significante nos anagramas?

Saussure é convicto do aspecto oral do anagrama, haja vista não apenas a tradição oral da cultura greco-latina, mas também a necessária transmissão de textos literários, então desamparados pelo registro escrito. Nessa direção, o processo anagramático desempenhava uma função específica, a mnemônica¹⁵, largamente utilizada em vários períodos literários, desde a Idade Antiga até a contemporaneidade.

Os estudiosos da literatura grega concordam que a função mnemônica foi central para que os textos homéricos, por exemplo, fossem transmitidos às gerações posteriores, em um tempo em que não havia a escrita. Os cadernos de Saussure sobre os anagramas dedicados aos textos homéricos¹⁶, em específico a *Íliada* e a *Odisséia*, justificam a presença de anagramas com base nessa função.

Nesses cadernos, Saussure (2013) utiliza uma terminologia específica em relação à ideia de palavra-tema, que reflete o aspecto mnemônico: *mot-sosie*, *mot allusif*, *mot représentatif*, entre outros termos. A função mnemônica reveste-se do aspecto imitativo, como se pode notar nos termos *sósia*, *alusivo* e *representativo*. Nos anagramas, a imitação estabelece-se entre a palavra-tema e a nova configuração dessa palavra no texto poético.

Mas o que vem a ser essa nova configuração da palavra-tema? Saussure a nomeia de hipograma, que significa, a princípio, *fazer alusão*, tal como se vê em traços que contornam uma dada imagem. De forma mais específica, o hipograma remete à ação de “[...] sublinhar um nome, uma palavra, esforçando-se por repetir-lhe as sílabas, e dando-lhe assim uma segunda maneira de ser, fictícia, acrescentada, por assim dizer, à forma original da palavra” (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 23).

A ideia de anagrama em Saussure aponta para uma relação entre formas, isto é, entre a palavra-tema e o hipograma. Tal relação indica que o hipograma não é necessariamente a palavra-tema, mas uma figura que, ao repetir os grupos fônicos do nome escolhido, se torna *uma segunda forma de ser* desse nome. Assim, o hipograma, formado por fragmentos fônicos, cumpriria seu papel mnemônico, aludindo à palavra-tema e evocando na memória do poeta essa palavra, auxiliando-o na declamação do texto literário.

Nesse momento, observo ser possível correlacionar a ideia de significante à ideia de hipograma. Para isso, retomo a nota 145 da edição crítica de De Mauro (1974), que ressalta a ideia de significante como uma *classe de configuração possível*, e de figura, como *algo passível de ser evocado pela imaginação*. Essas expressões particulares à teorização de Saussure sobre o significante são bastante próximas da ideia de hipograma.

15 A função mnemônica é aquela que tem como objetivo ajudar o poeta a memorizar o texto literário, visando à recitação oral, sem o auxílio da escrita. No caso dos fragmentos anagramáticos, a hipótese era de que os fragmentos fônicos das palavras-temas permitiam ao declamador recordar os trechos poéticos em determinados trechos do texto.

16 Esses cadernos foram editados e publicados em 2013 por Pierres Yves-Testenoire, trabalho que é concomitante à tese deste autor, que aborda especificamente os anagramas de Saussure sobre os textos homéricos.

Outra possível problematização é refletir sobre a real equivalência entre os termos *imagem acústica* e *significante*, uma vez que a ideia de imagem agrega o visual, imagético, e portanto psíquico, enquanto a ideia de *significante*, apesar de psíquica, nos remete também à dimensão linear, temporal, portanto física, do signo linguístico. Assim, tal dualidade do *significante* parece apontar para a elaboração dualística do anagrama saussuriano, na tensão entre a palavra-tema, em seu aspecto linear, e o hipograma, enquanto uma nova configuração fônica do tema.

Partindo das concepções de alusão e de evolução do hipograma, questiono: *que desdobramentos teóricos são delineados por Saussure ante o rompimento da linearidade da palavra-tema?* Essa interrogação é abordada pelo mestre genebrino a partir da ideia de consecutividade, que se refere à sequência dos fones da palavra-tema, e a necessária observância dessa sequência nos fragmentos fônicos, como se observa entre o nome *Hercolei* e seus fragmentos *-lei* e *-cõ*.

Sobre essa noção, o mestre genebrino afirma: “Num domínio infinitamente especial como este que temos de tratar, é sempre em virtude da lei fundamental da palavra humana em geral que se pode colocar uma questão como a da consecutividade ou não consecutividade [...]”¹⁷ (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 34). Observa-se, a partir dessa citação, que o domínio do anagrama não é um domínio qualquer da linguagem, e que, apesar dessa singularidade, a palavra humana é o parâmetro principal para refletir se um fato linguístico é ou não consecutivo.

Ao se deparar com essa singular configuração do hipograma, o genebrino questiona se é possível, para o ouvinte, ser atraído

[...] não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? fora da ordem, que tem os elementos no tempo? fora da ordem linear que é observada se eu tenho TAE por TA – AE ou TA – E [...] (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 34).

Esses questionamentos parecem apontar a admiração de Saussure pelo fato anagramático, uma vez que o rompimento da linearidade do *significante* é radical, e se torna um desafio à “normalidade” linear da palavra humana.

Esse ponto de reflexão, em que se observa o termo “linear”, é analisado por Testenoire (2010), que defende ser nesse momento que Saussure inicia uma reflexão sobre o princípio da linearidade do *significante*. Do ponto de vista filológico, trata-se de uma hipótese plausível, uma vez que o princípio da linearidade, salvo essas ponderações aqui nos anagramas, figura apenas no terceiro curso de linguística geral, pronunciado em 1911.

Apesar de não ser o objetivo da presente pesquisa identificar o momento em que um princípio ou uma teoria se inicia no pensamento saussuriano, o trabalho filológico de Testenoire (2010) é salutar na medida em que evidencia, ainda mais, a articulação existente entre as aulas ministradas em Genebra e a produção sobre os anagramas, a despeito das singularidades de cada produção e da diferença cronológica.

Abordamos, como um último desdobramento teórico sobre o rompimento da linearidade nos anagramas, a problemática do apagamento total do signo no fato

¹⁷ Em nota de rodapé, Starobinski (1974) informa que a frase, no manuscrito, está inacabada.

anagramático, investigado por Wunderli (2004)¹⁸. De acordo com esse autor, a palavra-tema, enquanto um signo, desaparece na superfície do texto poético, seja pelo total rompimento da linearidade, como também pela mistura entre os fragmentos da palavra-tema com outras palavras. Nas palavras de Wunderli (2004, p. 179, tradução nossa), “[...] a ordem dos difonos frequentemente não corresponde à da palavra-tema. É este último fenômeno que representa a mais óbvia violação do princípio da linearidade”¹⁹.

Uma vez constatado esse rompimento total da palavra-tema e a dispersão dos fragmentos fônicos, Wunderli (2004) busca refletir sobre qual é, de fato, o real destino do nome escolhido pelo poeta. Partindo da análise do signo linguístico, o autor chega à seguinte constatação: “Se eu perco o elo entre o significado e o significante, eu destruo o signo linguístico [...]” (WUNDERLI, 2004, p. 180, tradução nossa)²⁰. Embora a passagem do CLG seja explícita em referência ao signo linguístico, o autor transfere essa relação para o apagamento da palavra-tema, tendo em vista o rompimento da linearidade e a dispersão de seus fragmentos, conforme já mencionado. Tal apagamento é, para Wunderli (2004), justificado apenas no plano da poética, por se tratar, assim, de uma licença poética.

Todavia, ao considerarmos a relação entre formas que se estabelece entre a palavra-tema e o próprio conceito de hipograma, é possível observar não uma destruição dessa palavra, enquanto signo/significante, mas sim uma transformação. E embora haja o rompimento da linearidade, não é possível dizer que seja total, mas parcial, haja vista a presença dos difonos, ou de unidades maiores, que permitem aos poetas/ouvintes capturarem, pela escuta, ecos da palavra-tema, nessa nova configuração, denominada hipograma.

Ao que parece, a tese da destruição do signo linguístico defendida por Wunderli (2004) é justificada no trecho do *Cours*, em que se lê: “A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado [...]; se se retiver apenas um desses elementos, ela se desvanece [...]” (SAUSSURE, 1970, p. 119). O termo “desvanece”, de fato, permite pensarmos na ideia de algo que se esvai, que desaparece, como observa Wunderli (2004), e advém da palavra francesa *s'évanouit*, utilizada pelos editores na reconstituição do CLG.

Todavia, na edição crítica de Engler (1968), chama a atenção que nos cadernos dos alunos – G. Degalier, Mme. Secheyay e E. Constantin – a escrita não é *s'évanouit*, mas *falsifie*, cujo sentido, dentre outros, pode ser o de *alterar*. Esse fato lança uma nova luz sobre a problemática do rompimento da linearidade do significante em relação à palavra-tema, tendo em vista três considerações.

Primeiro, de que a quebra da parcial linearidade do nome escolhido pelo poeta espelha a própria alteração da palavra-tema em hipograma, e não sua destruição. Segundo, que a produção saussuriana sobre os anagramas não sugere nenhuma separação radical entre o nome escolhido e sua nova forma de ser, que é o espraiamento dos difonos no texto poético. Isso é interessante na medida em que encontramos uma escrita, não radical, dos alunos, ao anotarem em seus cadernos a ideia de *falsifie*, e não *s'évanouit*.

Essa tensão entre a edição do CLG e a escrita dos alunos, testemunhas do ensino oral do mestre genebrino, resulta numa última questão: por que os edito-

18 A análise do ponto de vista de Wunderli (2004) foi abordada por mim em trabalhos anteriores (SOUZA, 2018a, 2018b).

19 “In addition, the order of diphones often does not correspond with the one in the key word. It is this latter phenomenon which represents the most obvious violation of the principle of linearity.”

20 “If I loosen the link between the signifié and signifiant, I destroy the linguistic sign [...]”

res preferiram o termo *s'évanouit*, em vez de *falsifie*? Sem dar uma resposta definitiva, essa indagação permite refletir sobre a proposta da leitura crítica do CLG neste artigo, isto é, aquela que coloca, em relação à voz de Saussure, a escuta dos alunos e a marca dos editores na edição.

De fato, o anagrama saussuriano, dada sua singularidade, é um lugar que leva o leitor a refletir, conforme analisa o mestre genebrino, sobre aspectos que extrapolam o campo poético. A leitura crítica empreendida neste tópico, colocando em relação os manuscritos saussurianos, as marcas dos editores no CLG, a escuta dos alunos ante os ecos de Saussure, permite um outro olhar sobre o princípio da linearidade do significante, seja nos anagramas, seja no CLG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, propus examinar o princípio de linearidade do significante no CLG a partir de uma leitura crítica da edição, ou seja, acompanhada de suas edições críticas, e nos Anagramas de Saussure. A análise desse princípio no *Cours* mostra-se produtiva, no que tange à compreensão de sua dimensão linear nas línguas orais auditivas, no entendimento de que seu ensino esteve correlacionado ao circuito da fala e na conceituação do significante enquanto figura, configuração e imagem.

Nos Anagramas, observa-se que o princípio da linearidade sofre uma tensão na relação entre a palavra-tema e o hipograma. Se de um lado a ideia de palavra-tema contempla esse princípio, o anagrama saussuriano requer o corte em conjuntos fônicos. Entende-se tratar de um corte singular, proposital, de efeito mnemônico, cujos fragmentos permitem que o recitador e o ouvinte possam, enfim, evocar o nome escolhido previamente.

Assim, nem apagamento total da linearidade, nem destruição do signo. A leitura crítica da edição do CLG permite considerar que se trata de uma alteração, o que é atestado pela ideia de hipograma: uma nova forma de ser da palavra-tema. Entendo, portanto, que uma leitura da edição do CLG possibilita também uma reflexão diferente dos manuscritos saussurianos, no caso aqui, dos anagramas. Tal leitura encontra-se na encruzilhada entre a voz e a escrita do genebrino, a escuta de seus alunos e o trabalho inestimável dos editores do CLG.

BETWEEN THE CLG EDITION AND THE ANAGRAMS: A CRITICAL READING ON THE PRINCIPLE OF LINEARITY OF THE SIGNIFIER

Abstract: This article aims to analyze the principle of the linearity of the signifier, in the *General Linguistics Course* (CLG) and in the manuscripts on anagrams. To analyze this Saussurian principle, I start with the proposal for a critical reading of the CLG – as a work that converges Saussure's speech, the students' listening/writing and the recreation of the editors – supported by the critical editions of Godel (1957), Engler (1968) and De Mauro (1974). It is understood that the proposed reading will allow a different look at the principle of linearity, in view of human speech and the saussurian anagram.

Keywords: Saussure. Linearity of the signifier. Anagrams. Critical reading. *General Linguistics Course*.

REFERÊNCIAS

- BOUQUET, S.; ENGLER, R. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.
- ENGLER, R. The making of the Cours de Linguistique Générale. In: SANDERS, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 47-58.
- GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*. 2. ed. Genebra: Librairie Droz, 1957.
- NORMAND, C. *Saussure*. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, F. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet, publiées par E. Benveniste. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Librairie Droz Genève, 21, p. 89-130, 1964.
- SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiésbaden: Otto Harrassowitz, 1968. Tomo 1, v. 1.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Editado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1970 [1916].
- SAUSSURE, F. *Ferdinand de Saussure – Cours de Linguistique Générale*: édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1974.
- SAUSSURE, F. *Anagrammes homériques*. Présentes et edités par Pierre-Yves Testenoire. France: Éditions Lambert-Lucas, 2013.
- SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- SOUZA, M. *Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria*. Uberlândia: Edufu, 2018a.
- SOUZA, M. Hipogramas saussurianos: possíveis relações com o conceito de analogia. *Revista Delta (Online)*, v. 34, n. 3, p. 975-995, 2018b.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. Tradução Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- TESTENOIRE, P. Genese d'un principe saussurien: la linéarité. *RevueRecto/Verso*, n. 6, p. 1-14, set. 2010.
- WUNDERLI, P. Saussure's anagrams and the analysis of literary texts. In: SANDERS, C. (ed.). *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 174-185.